

opinião



editor de fotogr
editor-assistent
fale conosco (81
pesquisa Wanes
fale conosco (81

Lições do Pedro II

Rostand Paraíso

O Pedro II era o grande templo da medicina pernambucana. Ali convivíamos com seus maiores expoentes, os professores Aluizio Bezerra Coutinho, Antônio e Fernando Figueira, Arnaldo, Romero e Rui João Marques, Fernando Simões Barbosa, Jarbas Pernambucano, Luiz Tavares, Manoel Caetano de Barros, os então assistentes Amaury Coutinho, Djalma Vasconcelos, Edvaldo Telles, Newton de Souza, Ovídio Montenegro, Salomão Kelner e tantos outros, verdadeiros monstros sagrados que venerávamos.

O Pedro II dos anos 50 lembrava os velhos hospitais europeus - construção antiga, escadarias de madeira, longos corredores, enfermarias amplas e ventiladas, salas de aulas acanhadas, mas aconchegantes, um simpático pátio interno; e, circulando pelos seus espaços, silenciosas irmãs de caridade. Tudo servindo ao propósito de prestar assistência ao enfermo pobre e formar estudantes para o desempenho de sua futura missão. Apesar da escassez de recursos, era ali, no Pedro II, que se praticava a melhor medicina do Estado.

Com a discutível transferência do Hospital das Clínicas para o Engenho do Meio, nos inícios da década de 80, o Pedro II esvaziou-se. Desativado como hospital, passou apenas a alojar alguns serviços burocráticos. Como Manuel Bandeira - quando recordava os bons momentos passados na casa do seu avô - sempre tivemos o receio de ver, um dia, aquele hospital, de tão rico passado, transformado, pela especulação imobiliária, em um amontoado de espigões ou em mais um shopping center da cidade, servindo a fins outros que não aqueles para os quais fora erguido. No íntimo, porém, acalentávamos a esperança de vê-lo, um dia - à maneira da lendária fênix -, renascer de suas próprias cinzas. E chegamos, inclusive, a participar da luta empreendida contra uma propalada negociação, felizmente não concretizada, entre a Arquidiocese do Recife e Olinda e um grupo empresarial português.

Afinal, coisa rara, tivemos, há alguns anos, uma notícia alvissareira. O Imip, a consagrada obra de Fernando Figueira, agora sob a liderança do seu filho, Antônio Carlos Figueira, estaria interessado na recupera-

ção do hospital. Fiel ao seu DNA, o filho de Fernando Figueira enfrentou e contornou, com galhardia, todas as dificuldades e assumiu a árdua tarefa. Fazendo-se cercar, no seu Conselho Consultivo, de um grupo de influentes personalidades, Alberto Ferreira da Costa, Antônio Figueira Filho, Armando Monteiro Filho, Carlos Moraes, Ítalo Rocha, João Carlos Paes Mendonça, José Paulo Cavalcanti Filho, Luís Felipe Brennand, Margarida Cantarelli, Ney Cavalcanti e muitos, muitos outros mais, começou a programar, nos seus detalhes, o restauro do hospital. Poucos acreditavam no sucesso, tão grande era o sonho. A Fundação Alice Figueira - à frente a incansável Sílvia Rissin - mobilizou um grande número de pessoas movidas pelo idealismo e o trabalho foi iniciado. Dava gosto se acompanhar o rigor com que, sob o comando do zeloso arquiteto Jorge Passos, iam sendo executadas as obras, tendo-se o cuidado de nos trazer de volta o velho Pedro II tal qual fora concebido no projeto inicial do arquiteto pernambucano José Mamede Alves Ferreira, sem os aleijões que, ao longo dos tempos, o vinham deformando.

O trabalho está no seu final. A fênix renasceu das cinzas. Muito em breve, teremos a oportunidade de ver a concretização do sonho de Antônio Carlos Figueira, sonho de todos nós. Os médicos que lá trabalharam, anos a fio, preparem seus corações. Irão se emocionar. Afinal, não é todo dia que presenciamos, em Pernambuco, um empreendimento de tal porte e feito com tanto amor. Afastadas as nuvens negras que o ameaçavam, o Pedro II volta à sua destinação inicial, um hospital para os pobres.

De tudo isso, algumas lições podem ser extraídas. A lição da perseverança, numa sociedade que quer tudo fácil e ligeiro, nem sempre com o suor que dignifica o trabalho. A lição do esforço conjunto, que sempre pode mais que o individualismo. A lição da prevalência dos interesses da coletividade sobre aqueles puramente econômicos. De como um sonho, conduzido por mãos hábeis, pode ser transformado em realidade. De como a memória e a tradição de um povo, sem prejuízo da modernidade, podem ser conservadas.

» Rostand Paraíso, médico, é da APL